

Considerações finais

Milena da Silveira Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, MS. Considerações finais. In: *A crítica que fez história: as associações literárias no Oitocentos* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 201-205. ISBN 978-85-68334-50-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desse breve caminhar pelo surgimento, pela organização, pela produção e pela contribuição das associações literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro no século XIX, encerremos o estudo recordando a frase de um jovem estudante da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, o qual, em 1850, declarou, em tom de reverência à pioneira Sociedade Filomática, que, “desde a fundação desta sociedade”, tinha-se plantado um ideal na mocidade de “que nas letras, como em tudo o mais, a união faz a força” (Magalhães, 1881, p.6). Tal lema, exaltado não só por Couto de Magalhães (1881) mas por praticamente todos os homens daquele tempo, foi largamente propagado no século pelos letrados, e esse propósito de união gerou, sem dúvida, uma força traduzida em conhecimentos úteis ao Brasil e ao brasileiro. Esse modelo de organização da intelectualidade, nomeadamente as agremiações literárias, criou, pois, uma atmosfera estimulante para a vida intelectual brasileira, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência de grupo entre os homens de letras e encorajando-os efetivamente a produzir. Reunir-se em associação, como é notável nas diversas citações recolhidas neste estudo, havia se tornado um hábito entre os letrados oitocentistas, um gosto e, por que não dizer, uma necessidade para que seus escritos não fossem engavetados.

Malgrado as instituições literárias tenham se destacado pelo caráter efêmero e pouco duradouro e/ou pelo caráter ritualístico e cerimoniático, ou seja, malgrado o gosto pelas encenações e os protocolos tenham dado, por vezes, a feição do que deveriam ser os encontros para pensar um projeto de Brasil por meio das letras e das trocas intelectuais, esse tipo de sociabilização dos letrados ajudou, e muito, a forjar os escritores brasileiros do século XIX, bem como ajudou a criar um ambiente propício à promoção e produção de uma cultura escrita e ao desenvolvimento do país. Essa relação entre os homens de letras pode ser vista, portanto, como uma forma fundamental de produção e apropriação do conhecimento, pois resultou do incentivo à convivência e às trocas de experiências e de conteúdos, mais talvez do que da dedicação individual e do isolamento. Em uma sociedade cujas expressões culturais eram ainda recentes, as bibliotecas escassas, os escritores eram em grande parte os próprios consumidores de sua produção e as carências de informação e referências escritas eram muitas, as sociedades literárias apresentavam-se como uma forma importante de obtenção de conhecimento e de estímulo a ele.

As sociedades literárias, embora tenham sido empreendimentos vítimas da inconstância própria da juventude, funcionaram como uma espécie de laboratório, um laboratório onde os acadêmicos com pretensão a escritor ou político iniciavam seus trabalhos, configurando-se como uma espécie de espaço iniciático para a vida pública. Esses grêmios, como vimos, realizavam reuniões com frequência, faziam sessões solenes, tinham estatutos, lançaram periódicos, possibilitaram a publicação das primeiras obras de jovens escritores e deram espaço para os aspirantes a políticos exercerem cargos de liderança, exercitarem sua eloquência e se organizarem dentro desse meio. A passagem por associações literárias, portanto, era um primeiro passo da formação de homens que, até certo ponto, se tornaram figuras significativas do Oitocentos Brasileiro, isto é, era uma primeira fase de formação intelectual num tempo em que se tentava convencer sobre a importância do espírito de associação para aquilo que se acreditava ser a missão dos estudiosos, dos sábios

e dos cultivados: criar um país civilizado, inspirado nas conquistas do passado e nas promessas do futuro.

Nesse palco, a publicação de periódicos apresentou-se para aquela incipiente intelectualidade como a forma mais segura de sustentação e legitimação da existência de uma agremiação, de divulgação dos escritos dos letrados e de garantia de um lugar no meio intelectual da época. A imprensa periódica, conforme o que foi desenvolvido neste livro, ocupou um lugar central no movimento, pois, mais do que um meio de propagação da produção das sociedades literárias, os impressos foram poderosos instrumentos de manutenção da prática de associar-se dos letrados daquele tempo. Entre os escritos mais publicados nesse tipo de periódico, dado o seu caráter literário, avultam ensaios críticos. Daí a importância desse percurso em torno das associações literárias para chegar aos pontos fulcrais desta estudo: o lugar da crítica literária e que lugar ela atribuiu aos homens de letras e às suas produções na construção da cultura escrita brasileira.

As circulares das associações literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, como buscamos mapear, cumpriram papel decisivo na formação da crítica literária oitocentista, ao se empenharem, intencionalmente ou não, em formar uma consciência crítica que deveria orientar a nossa criação literária, especialmente no sentido de reconhecer a sua singularidade, dar-lhe vigor e detalhar a sua nacionalidade. Todos os ensaios publicados por associações literárias trabalhados neste livro, juntamente com outros textos a que infelizmente não foi possível acessar, contribuíram inegavelmente para a fabricação de um discurso crítico-literário no Brasil. Já é mais que sabido, pois, que tal discurso nasceu na imprensa, no entanto pouco se diz sobre como parte significativa dessa produção crítica foi elaborada pelos participantes desse movimento associativo e lançada nas páginas dos periódicos de agremiações literárias, colaborando, como exposto, para o desenvolvimento da atividade entre nós.

Essa produção englobava desde o comentário literário até a crítica mais sistematizada do final do século XIX e buscou apontar, cada uma a seu modo, os rumos que a literatura e os letrados deveriam

seguir. Apesar de ter prevalecido o caráter apologético e algumas ideias básicas – como o estabelecimento de uma genealogia literária, a análise da capacidade criadora dos índios e a natureza como estímulo da inspiração –, o discurso crítico desenvolvido ao longo do Oitocentos brasileiro, do ponto de vista histórico, que aqui nos interessa, serviu, em larga medida, para dar amparo aos escritores, orientando-os para a importância da nacionalidade na cultura escrita. Além disso, contribuiu de modo acentuado para o desenvolvimento e conhecimento da literatura entre nós, promovendo a identificação dos autores e a avaliação dos seus escritos, por meio da publicação das suas obras e de breves narrativas da vida de cada literato. Esses homens de letras, portanto, entendiam a crítica como uma síntese de argumentos, juízos e interpretações gerais acerca da literatura brasileira, que deveriam servir como uma espécie de guias para penetrar nos estudos estrangeiros e para distinguir a expressão do caráter nacional.

O tom pedagógico, ora edificante, ora prescritivo, ora corretivo, que caracterizava a crítica de então, foi de tal modo impositivo na produção crítica literária brasileira que esta acabou por assumir uma postura declarada de farol das letras. Entre esses juízos e prescrições lançados pela crítica, os quais, pela negativa ou de forma propositiva, buscavam moldar um certo perfil do escritor brasileiro – orientando-o no sentido do que deveria ser seguido e o que deveria ser abandonado na escrita de uma literatura a ser forjada nacional –, nenhum foi tão manifesto como a necessidade de valorização do Brasil e da nossa cultura. Dito de outra forma, as orientações vistas sobre quais gêneros responderiam melhor aos anseios da cultura escrita nacional, as lições apontadas sobre a estrutura formal da literatura e as advertências levantadas sobre a questão da imitação confluíam, pois, nessa busca pela valorização do gênio brasileiro.

Sobre o escritor moldado nas páginas das associações literárias, vale, por fim, dizer que para ele se aspirou que cantasse a pátria, que ajudasse a trilhar novos rumos da literatura e, sobretudo, que exaltasse em seus escritos a necessidade de nacionalizar não apenas a literatura, mas também todos os segmentos da vida brasileira, em

especial aqueles relacionados à vida cultural. Nas publicações dessas associações literárias, fica notório um projeto de nação que ganha contornos mais nítidos no discurso crítico, um campo que não era, como defendemos aqui, de somenos importância, pois, ao analisar o que se produzia, definia-se o que viria a ser produzido. Essas prescrições do discurso crítico literário oitocentista, em linhas gerais, encaminharam-se no sentido de apresentar aos leitores/escritores possibilidades de narrar a história da recém-fundada nação brasileira, num extraordinário movimento, próprio desse tempo, em que a crítica se confundia com a história literária e esta com a história do Brasil. Ou melhor, o que percorria esse discurso crítico produzido pelas associações literárias era a preocupação com a construção da ideia de um povo dotado de costumes, sentimentos, literatura e história próprios e singulares. Daí a crítica literária ter assumido, no século XIX brasileiro, uma posição semelhante à de tutora de nossos escritores e, inclusive, tradutora dos anseios e projetos da sociedade brasileira, ou seja, esse discurso metaliterário pretendeu ajudar a criar os contornos do literato que teria dado feição ao brasileiro.

Muito mais, pois, poderia ser dito sobre o surgimento, a organização, a produção e a significativa contribuição das associações literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro no século XIX, mas o que fica para finalizar são indagações ao leitor sobre a atualidade dessa forma de produção e apropriação do conhecimento, bem como o quanto ainda elas nos dizem sobre o Brasil, a intelectualidade brasileira e a nossa cultura escrita.